

EXISTE UMA HORA CERTA PARA O AMOR?

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS
SPARKS

O RETORNO



ARQUEIRO

Título original: *The Return*

Copyright © 2020 por Willow Holdings, Inc.
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ricardo Quintana

preparo de originais: Carolina Vaz

revisão: Melissa Lopes Leite e Rebeca Bolite

diagramação: Abreu's System

capa: Tom Hallman

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagem de capa: Miguel Sobreira/Trevillion Images

impressão e acabamento: Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S726r

Sparks, Nicholas, 1965-
O retorno / Nicholas Sparks ; tradução Ricardo Quintana. - 1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2020.
288 p. ; 23 cm.

Tradução de: The return
ISBN 978-65-5565-045-7

1. Ficção americana. I. Quintana, Ricardo. II. Título.

20-66360

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*À família Van Wie:
Jeff, Torri, Anna, Audrey e Ava*

Prólogo



2019

A igreja parece uma capela alpina, do tipo que se poderia encontrar nas montanhas nos arredores de Salzburgo, e o ar fresco em seu interior é reconfortante. É agosto e o calor está escaldante no sul dos Estados Unidos, agravado pelo terno e pela gravata que estou usando. No dia a dia, geralmente não uso ternos. São desconfortáveis, e, como médico, reparei que os pacientes reagem melhor quando me visto mais casualmente, como eles.

Estou aqui para um casamento. Conheço a noiva faz mais de cinco anos, embora não esteja certo se ela considera que somos amigos. Assim que ela deixou New Bern, continuamos nos falando com regularidade por mais de um ano e, depois disso, nosso contato tem se limitado a umas poucas mensagens de texto trocadas ocasionalmente, às vezes por iniciativa dela, às vezes minha. No entanto, possuímos um vínculo inegável com raízes em acontecimentos de anos atrás. Tenho até dificuldade de me lembrar do homem que eu era quando nossos caminhos se cruzaram pela primeira vez, mas isso é normal, não é? A vida nos oferece novos rumos o tempo todo, e nesse processo nós crescemos e mudamos. Quando olhamos pelo espelho retrovisor, temos um vislumbre de *eus* anteriores que podem ser irreconhecíveis.

Algumas coisas não mudaram – meu nome, por exemplo –, mas estou com 37 anos agora, dando os primeiros passos em uma carreira que nunca imaginei seguir nas minhas primeiras três décadas de vida. Eu adorava tocar piano, mas parei de praticar. Apesar de ter crescido entre familiares amorosos, faz muito tempo que não vejo nenhum deles. Existem razões para isso, mas abordarei essa parte mais adiante.

Hoje, estou simplesmente feliz de estar aqui e de ter conseguido chegar a tempo. O voo que partiu de Baltimore atrasou, e a fila na locadora de carros estava grande. Embora eu não tenha sido o último convidado a chegar, a igreja já está bem cheia e encontro um lugar na antepenúltima fileira, fazendo o máximo para me esgueirar até lá sem ser notado. Nos bancos à minha frente há mulheres usando o tipo de chapéu que se espera encontrar no Grande Prêmio de Turfe do Kentucky, combinações extravagantes de laços e flores que cabras adorariam comer. A visão me faz rir, um lembrete de que há no Sul um mundo que parece não existir em nenhum outro lugar.

A visão das flores também me faz pensar em abelhas. Elas estão presentes em grande parte das minhas lembranças. São criaturas admiráveis e maravilhosas, de interesse infundável para mim. Hoje em dia, cuido de mais de uma dezena de colmeias – um trabalho muito mais simples do que se imagina – e não consigo deixar de pensar que as abelhas tomam conta de mim e de todo mundo. Grande parte da nossa alimentação depende das abelhas; sem elas seria quase impossível existir vida humana.

Há algo incrivelmente maravilhoso na ideia de que a vida como a conhecemos depende de algo tão simples quanto uma abelha indo de flor em flor. Isso me faz acreditar que meu hobby é importante para o grande esquema das coisas, e tenho total noção de que cuidar das colmeias foi o que me trouxe até aqui, a esta igreja no interior, bem longe de casa. É claro que minha história – como qualquer boa história – também é fruto de acontecimentos, circunstâncias e outras pessoas, inclusive uma dupla de idosos que gostava de se sentar em cadeiras de balanço na frente de uma antiga mercearia na Carolina do Norte. Mas é principalmente sobre duas mulheres, embora uma delas fosse apenas uma menina na época.

Sou o primeiro a notar que, quando contam a própria história, as pessoas tendem a se colocar como o personagem principal. Provavelmente vou cair na mesma armadilha, mas gostaria de avisar que a maior parte dos fatos ainda me parece acidental – ao longo da minha narrativa, lembre-se, por favor, de que não me considero nenhuma espécie de herói.

Quanto ao final da história, imagino que este casamento seja uma espécie de conclusão. Cinco anos atrás, eu teria grande dificuldade para dizer se o desfecho desses relatos interligados seria feliz, trágico ou agri-doce. E agora? Para ser sincero, hoje tenho ainda menos certeza, já que continuo

me perguntando se esta história poderia, de algum modo sinuoso, seguir de onde parou.

Para entender o que quero dizer, você precisa viajar de volta no tempo comigo e conhecer um mundo que, apesar de tudo que aconteceu nos últimos anos, ainda me parece muito palpável.

I



2014

A primeira vez que notei a garota passando em frente à minha casa foi um dia depois da mudança. Ao longo do mês e meio que se seguiu, eu a vi arrastando os pés pela calçada algumas vezes por semana, a cabeça baixa e os ombros encolhidos. Durante muito tempo, não trocamos uma palavra.

Eu suspeitava de que ainda fosse adolescente – alguma coisa no jeito de andar sugeria que ela sofria do duplo fardo da baixa autoestima e de uma irritação diante do mundo –, mas, aos 32, eu já havia atingido a idade em que era quase impossível ter certeza. Além dos longos cabelos castanhos e dos olhos afastados, as únicas coisas que eu sabia sobre ela era que morava num estacionamento para trailers na minha rua e que gostava de caminhar. Ou, mais provavelmente, que precisava caminhar porque não tinha carro.

O céu de abril estava claro, a temperatura, em torno dos 20 graus e uma leve brisa carregava o aroma perfumado das flores. Os cornisos e as azaleias do quintal haviam florescido quase que da noite para o dia, emoldurando a via de cascalho que serpenteava junto à casa do meu avô. Eu tinha acabado de herdar a propriedade nos arredores de New Bern, na Carolina do Norte.

Eu, Trevor Benson, médico convalescente e veterano, incapacitado em serviço, estava jogando naftalinas em volta da casa, lamentando porque não planejara passar a manhã fazendo aquilo. O problema das tarefas e dos reparos ali era que não dava para saber exatamente quando ia terminar o serviço, já que sempre havia algo a ser feito, e nem era possível dizer se de fato valia a pena ficar ajustando o lugar.

A casa não era lá essas coisas em termos de aparência, e os anos tinham cobrado seu preço. Meu avô a construíra sozinho após retornar da Segunda Guerra Mundial mas, embora fosse capaz de erguer coisas duráveis, não

tinha grande talento no quesito estilo. A construção era um retângulo com varandas na frente e nos fundos – dois quartos, cozinha, sala e dois banheiros. Com os anos, o revestimento de cedro da parte externa havia esmaecido até exibir um tom cinza-prateado, como o cabelo do meu avô. O telhado fora remendado, o vento entrava pelas janelas e o piso da cozinha era tão desnivelado que, quando um líquido se derramava no chão, ele se transformava num pequeno rio que corria para a porta que dava na varanda dos fundos. Gosto de pensar que isso tornava a limpeza mais fácil para meu avô, que havia morado sozinho durante os últimos trinta anos de sua vida.

A propriedade, no entanto, era especial. Tinha cerca de 2,5 hectares, um velho celeiro um pouco empenado, um galpão – onde meu avô armazenava o mel – e aparentemente todo tipo de flor conhecida pela humanidade, inclusive trevos e flores silvestres. De agora até o fim do verão, a propriedade exibiria uma explosão de cores no solo. Era também cortada pelo riacho Brices, cuja água escura, meio salobra, corria com tanta lentidão que muitas vezes refletia o céu feito um espelho. O pôr do sol transformava o riacho numa mistura de tons bordô, vermelhos, laranja e amarelos, enquanto seus raios evanesciam lentamente e perfuravam a cortina de barba-de-velho que caía dos galhos das árvores.

As abelhas adoravam aquele lugar, o que com certeza fora a intenção do meu avô, apicultor nas horas vagas, e estou plenamente convencido de que ele gostava mais de abelhas do que de pessoas. Havia cerca de vinte colmeias na propriedade, e com frequência eu me pegava pensando que elas se encontravam em melhores condições que a casa ou o celeiro. Desde minha chegada, eu as examinara algumas vezes à distância e, embora ainda fosse o início da temporada, dava para ver que as colônias estavam saudáveis.

A população de abelhas aumentava com rapidez na primavera – era possível escotá-las zumbindo quando se prestava atenção –, então as deixei em paz. A maior parte do tempo eu estava tentando tornar a casa habitável de novo. Fiz uma limpa nos armários, guardando alguns potes de mel e descartando todo o resto: uma caixa de biscoitos velhos, embalagens de manteiga de amendoim e de geleia quase vazias e um pacotinho de maçãs desidratadas. As gavetas estavam cheias de tralha – cupons vencidos, tocos de vela, ímãs e canetas sem tinta. Foi tudo para o lixo. A geladeira estava quase vazia e curiosamente limpa, sem os itens mofados ou os odores desagradáveis que

eu esperava. Removi uma tonelada de lixo da casa – a maior parte da mobília tinha meio século de idade, e meu avô era um tanto acumulador – e então contratei várias equipes para fazer o trabalho pesado.

Um empreiteiro reformou um dos banheiros; um bombeiro hidráulico consertou o vazamento na torneira da cozinha. Também mandei lixar e envernizar os pisos, pintar as paredes e, por último, mas não menos importante, substituir a porta dos fundos. Quebrada no batente, a anterior tinha sido pregada com tábuas. Mais tarde, após trazer outra equipe para limpar a casa de cima a baixo, providenciei o wi-fi e comprei uns móveis para a sala de estar e o quarto, além de uma TV. A televisão que estava lá tinha aquelas antenas embutidas e era do tamanho de um baú. As instituições de caridade recusaram a doação da mobília velha do meu avô, apesar de meu argumento de que poderia ser considerada antiguidade, então doei para empresas que reaproveitavam o material.

As varandas, no entanto, estavam relativamente em bom estado, e eu passava ali a maior parte das manhãs e tardes. Foi por isso que comecei com essa história das naftalinas. A primavera no Sul não se resume apenas a flores, abelhas e belos crepúsculos, sobretudo quando se mora ao lado de um riacho no que parecia ser uma selva. Como vinha fazendo mais calor que o normal, as cobras haviam começado a despertar da letargia do inverno. Dei de cara com uma das grandes na varanda dos fundos naquela manhã, enquanto perambulava do lado de fora com meu café. Depois de tomar um tremendo susto e derramar metade da xícara na camisa, corri para dentro de casa.

Não fazia ideia se era venenosa ou não. Não sou perito em cobras. Mas minha reação foi diferente da que muitas pessoas teriam – meu avô, por exemplo. Não pensei em matá-la. Só queria que ela ficasse longe da casa e morasse *lá para o outro lado*. Eu sabia que elas faziam coisas úteis, como matar os ratos que eu ouvia correndo por dentro das paredes à noite. O som me deixava arrepiado. Embora eu houvesse passado todos os verões ali quando criança, não sou acostumado à vida no campo. Sempre me considerei um cara mais urbano, o que era verdade, até a explosão que acabou não só com todo o meu mundo, mas comigo também. Essa é a razão de eu estar convalescente, porém vou contar sobre isso depois.

Por ora, vamos voltar à cobra. Após trocar de camisa, lembrei vagamente que meu avô usava naftalina para afastar cobras. Ele tinha plena convicção

de que essas bolinhas possuíam poderes mágicos para repelir todo tipo de coisa – morcegos, camundongos, insetos e cobras –, então comprava caixas e mais caixas daquilo. Encontrei um monte delas no celeiro e, confiante de que meu avô devia ter alguma razão, peguei uma e comecei a espalhar naftalina em volta da casa, primeiro nos fundos e nas laterais, depois na frente.

Foi quando vi de novo a garota arrastando os pés pela rua. Vestia calça jeans e camiseta e deve ter sentido que eu estava olhando para ela, porque se virou na minha direção. Não sorriu nem acenou. Em vez disso, baixou a cabeça, como se quisesse ignorar minha presença.

Dei de ombros e voltei a trabalhar, se é que espalhar naftalina pode ser considerado trabalho. Por alguma razão, no entanto, me peguei pensando sobre o estacionamento para trailers onde ela morava. Ficava no final da rua, a cerca de um quilômetro e meio. Por curiosidade, eu tinha dado uma volta lá logo depois de ter me mudado. Ele havia aumentado de tamanho desde a última vez que o visitara, e acho que eu queria saber quem eram meus novos vizinhos.

Meu primeiro pensamento ao chegar lá foi de que o local fazia a casa do meu avô parecer o Taj Mahal. Seis ou sete trailers antigos e decrépitos pareciam ter sido largados ao acaso num terreno sujo. No canto mais distante estavam os restos de outro trailer que havia pegado fogo, apenas uma carcaça preta parcialmente derretida. Em meio a eles, varais de roupa pendiam entre estacas inclinadas e galinhas esqueléticas ciscavam num percurso de obstáculos formado por carros em cima de tijolos e utensílios enferrujados, evitando apenas um pit bull feroz acorrentado a um velho para-choque descartado. O cão tinha dentes enormes e latiu tão furiosamente quando me viu que voou baba de sua boca espumosa.

Uma parte de mim se perguntava por que alguém escolheria morar em um lugar daqueles, mas eu já sabia a resposta. No caminho de volta para casa, senti pena dos moradores e me repreendi por ser tão esnobe, porque sabia que tivera mais sorte que a maioria, pelo menos em relação a dinheiro.

– Você mora aqui? – ouvi alguém perguntar.

Erguendo o olhar, vi a garota. Ela tinha dado meia-volta e estava parada a certa distância, mas perto o bastante para eu notar as sardas nas suas bochechas, que eram quase translúcidas de tão pálidas. Havia alguns hematomas em seus braços, como se ela tivesse batido em algum lugar. Não

era especialmente bonita e tinha um ar jovial, o que me fez pensar outra vez que se tratava de uma adolescente. O olhar desconfiado sugeria que estava pronta para sair correndo ao meu menor sinal de movimento.

– No momento, sim – falei, abrindo um sorriso. – Mas não sei por quanto tempo vou ficar.

– O velho morreu. O que morava aí. O nome dele era Carl.

– Eu sei. Era meu avô.

– Ah... – Ela enfiou a mão no bolso de trás. – Ele me dava mel.

– É o tipo de coisa que ele faria.

Eu não tinha certeza se isso era verdade, mas me pareceu a melhor coisa a dizer.

– Ele costumava comer no Trading Post – continuou ela. – Era sempre simpático.

O Slow Jim's Trading Post era uma dessas lojas decadentes, onipresentes no Sul, e já existia antes mesmo de eu nascer. Meu avô me levava lá sempre que eu vinha visitá-lo. Era do tamanho de uma garagem para três carros, com uma varanda coberta na frente, e vendia de tudo, de combustível a leite e ovos, passando por artigos de pesca, iscas vivas e autopeças. Havia bombas de gasolina antiquadas na frente – não aceitavam cartão de crédito nem débito – e uma chapa para preparar comidas quentes. Lembro que uma vez descobri um saco de soldadinhos de plástico enfiado entre uma caixa de marshmallows e uma caixa de anzóis. Não havia muita coerência entre as mercadorias oferecidas nas prateleiras ou exibidas nas paredes, mas sempre achei que era uma das lojas mais legais do mundo.

– Você trabalha lá?

Ela assentiu antes de apontar para a caixa na minha mão.

– Por que está colocando naftalina em volta da casa?

Olhei para a caixa, percebendo ter esquecido que a estava segurando.

– Vi uma cobra na varanda hoje de manhã. Ouvi dizer que naftalina repele cobras.

Ela contraiu os lábios antes de dar um passo para trás.

– Então tá. Só queria saber se você estava morando aí agora.

– Meu nome é Trevor Benson, a propósito.

Após ouvir meu nome, ela me encarou. Parecia estar tomando coragem para perguntar o óbvio.

– O que aconteceu com o seu rosto?

Eu sabia que ela estava se referindo à fina cicatriz que ia da linha do cabelo até o maxilar. A pergunta reforçava minha impressão de que ela era jovem. Adultos geralmente não tocavam no assunto. Na verdade, a maioria fingia não notar.

– Um morteiro no Afeganistão. Há alguns anos.

– Ah. – Ela esfregou o nariz com as costas da mão. – Doeu?

– Doeu.

– Ah... Bem, tenho que ir agora.

– Tudo bem.

Ela se voltou em direção à rua, mas de repente se virou de novo.

– Não vai funcionar!

– O que não vai funcionar?

– A naftalina. Cobras não ligam para naftalina.

– Tem certeza?

– Todo mundo sabe disso.

Diga isso ao meu avô, pensei.

– Então o que eu faço para não ter cobra na varanda?

Ela ficou pensativa.

– Talvez você devesse ir morar num lugar onde não houvesse cobras.

Tive que rir. Ela era estranha, com certeza, mas me dei conta de que era a primeira vez que eu ria desde que tinha me mudado. Talvez fosse a primeira risada em meses.

– Prazer em conhecê-la.

Fiquei observando a menina se afastar e me surpreendi quando ela se virou lentamente.

– Meu nome é Callie! – gritou.

– Foi um prazer, Callie.

Quando ela finalmente desapareceu por trás de algumas azaleias, me perguntei se deveria continuar espalhando a naftalina. Não fazia ideia se ela estava certa ou errada, mas, no fim, resolvi dar a tarefa por encerrada. Estava querendo tomar uma limonada e me sentar na varanda de trás para relaxar, já que o psiquiatra me recomendara tirar umas horas para descansar enquanto eu ainda tivesse tempo.

Ele disse que isso me ajudaria a manter *A Escuridão* longe.



Meu psiquiatra às vezes usava uma linguagem floreada do tipo *A Escuridão* para descrever o transtorno do estresse pós-traumático. Quando lhe perguntei o motivo, ele explicou que cada paciente era diferente e que fazia parte de seu trabalho encontrar palavras que refletissem com precisão o estado de ânimo e o sentimento de cada um, de forma a guiá-los ao longo do demorado caminho até a recuperação.

Desde que começamos o tratamento, ele se referia ao meu transtorno como *perturbação, problema, dificuldade, efeito borboleta, desregulação emocional, gatilho* e, naturalmente, *A Escuridão*. Durante muito tempo após a explosão, meu ânimo *ficou* escuro, negro como o céu noturno sem estrelas nem lua, mesmo que eu não compreendesse inteiramente por quê. No início, eu negava com veemência o transtorno, mas eu era teimoso.

Com toda a sinceridade, minha raiva, depressão e insônia faziam sentido para mim na época. Sempre que me olhava no espelho, eu me lembrava do que havia acontecido na Base Aérea de Kandahar em 9 de setembro de 2011, quando um míssil disparado contra o hospital onde eu trabalhava caiu perto da entrada, segundos após eu ter saído do prédio.

Há um quê de ironia na minha escolha de palavras, já que o ato de olhar no espelho não é mais como antes. Fiquei cego do olho direito, perdendo a noção de profundidade. Encarar meu reflexo é um pouco como observar peixes nadando num daqueles antigos descansos de tela de computador – quase real, mas não completamente – e, mesmo que eu conseguisse superar isso, meus outros ferimentos são tão aparentes quanto uma bandeira solitária fincada no topo do monte Everest.

Além da cicatriz no rosto, estilhaços deixaram meu tronco esburacado como a lua. Os dedos mínimo e anelar da mão esquerda foram arrancados – um grande azar, já que sou canhoto – e perdi também a orelha esquerda. Acredite ou não, essa última sequela era a que mais me incomodava em relação à minha aparência. Uma cabeça não parece natural sem uma das orelhas. Eu parecia estranhamente assimétrico, e foi só naquele momento que dei valor de verdade às minhas orelhas. Nas raras vezes em que pensava nelas, era sempre no contexto de ouvir coisas. Mas tente usar óculos escuros tendo apenas uma orelha e você vai entender por que senti essa perda de forma tão intensa.

Ainda não mencionei as lesões na coluna – tive que reaprender a andar – ou as dores de cabeça latejantes que perduraram meses e me deixaram

fisicamente arrasado. Mas os bons médicos do Walter Reed me conser-taram. A maior parte de mim, pelo menos. Assim que fiquei de pé outra vez, passei a ser atendido na instituição onde me formei, a Johns Hopkins, onde as cirurgias estéticas foram realizadas. Agora uso uma prótese de orelha, tão bem-feita que nem se percebe que é falsa, e meu olho parece normal, mesmo sendo completamente inútil. Não deu para fazer muito em relação aos dedos, que viraram adubo no Afeganistão, mas um cirurgião plástico conseguiu reduzir o tamanho da cicatriz em meu rosto até que se tornasse a linha fina e branca que é hoje, visível, mas não a ponto de assustar criancinhas. Fico tentando me convencer de que ela me dá mais personalidade, que por baixo da aparência de homem suave e sofisticado existe um cara intenso e corajoso, que experimentou e sobreviveu a perigos reais. Ou algo do tipo.

Além do corpo, minha vida inteira foi destruída, inclusive minha carreira. Eu não sabia o que fazer comigo ou com meu futuro, muito menos como lidar com os flashbacks, a insônia, a raiva sempre à flor da pele ou qualquer outro sintoma associado ao transtorno. As coisas iam de mal a pior, até que cheguei ao fundo do poço – imagine uma ressaca de quatro dias e acordar coberto de vômito – e percebi, por fim, que precisava de ajuda. Descobri um psiquiatra chamado Eric Bowen, especialista nas terapias cognitivo-comportamental e comportamental dialética.

Na essência, as duas terapias entendem os *comportamentos* como uma forma de ajudar a controlar ou administrar seus pensamentos e emoções. Quando se sentir oprimido, obrigue-se a ficar de pé, ereto; quando se sentir perdido diante de uma tarefa complexa, tente ocupações simples, coisas *possíveis* de fazer, começando com o primeiro passo, fácil, e depois fazendo a próxima coisa simples.

Modificar um comportamento dá muito trabalho, mas, aos poucos e com segurança, fui voltando à normalidade. Com isso, vieram os pensamentos sobre o futuro. O Dr. Bowen e eu falávamos sobre várias carreiras, mas no final percebi que sentia falta da prática da medicina. Contatei o pessoal na Johns Hopkins e me candidatei a uma nova residência. Dessa vez, em psiquiatria. Acho que Bowen se sentiu lisonjeado. Resumindo, mexeram alguns pauzinhos – não sei se porque eu já tinha estado lá antes ou por ser um veterano incapacitado – e abriram algumas exceções. Fui aceito como psiquiatra residente e começaria a partir de julho. Pouco tempo depois de

ter recebido as boas notícias, fiquei sabendo que meu avô havia sofrido um derrame em Easley, na Carolina do Sul, cidade sobre a qual eu nunca o tinha ouvido falar. Solicitaram que eu fosse rapidamente até o hospital, já que ele não tinha muito mais tempo de vida.

Eu não conseguia imaginar por que ele estava naquela cidade. Até onde sabia, havia anos que meu avô não saía de New Bern. Quando cheguei ao hospital, ele já mal podia falar, apenas balbuciava uma palavra sufocada por vez, e mesmo essas eram difíceis de entender. Ele ficou me dizendo coisas estranhas, que me feriam mesmo quando não faziam sentido, mas eu não conseguia afastar a sensação de que ele estava tentando comunicar algo importante antes de morrer.

Como único membro remanescente da família, coube a mim tomar as providências para o funeral. Eu tinha certeza de que ele queria ser enterrado em New Bern. Cuidei para que o corpo fosse transportado de volta à sua cidade natal, organizei uma pequena cerimônia fúnebre, que teve mais participantes do que imaginei, e passei muito tempo andando pela propriedade, lutando contra o pesar e a culpa. Como meus pais eram muito ocupados com as próprias vidas, eu tinha passado a maioria dos meus verões em New Bern, e a saudade que sentia do meu avô era quase como uma dor física. Ele era engraçado, sábio e bondoso, e sempre fazia eu me sentir mais velho e mais inteligente do que de fato era.

Quando eu tinha 8 anos, meu avô me deixou dar uma baforada no seu cachimbo feito de espiga de milho. Ele me ensinou a pescar e me deixava ajudar toda vez que precisava consertar um motor. Também me ensinou tudo o que sei sobre abelhas e apicultura e, quando eu era adolescente, ele me contou que um dia eu encontraria uma mulher que mudaria minha vida para sempre. Quando perguntei como saberia se tinha encontrado a pessoa certa, ele deu uma piscadela e disse que, se eu não tivesse certeza, era melhor continuar procurando.

Com tudo que acontecera desde Kandahar, não consegui arranjar tempo para ir visitá-lo nos últimos anos. Sei que ele se preocupava comigo, mas eu não queria compartilhar com ele os demônios que estava combatendo. Já era bastante difícil falar com o Dr. Bowen sobre a minha vida e, mesmo sabendo que meu avô não me julgaria, me pareceu mais fácil manter distância. O fato de ele ter partido antes que eu tivesse a chance de me reconectar com ele me deixou arrasado. Para completar, um advogado local me contactou

logo depois do funeral para me informar que eu havia herdado a propriedade, de forma que me vi dono da casa onde passara tantos verões quando garoto. Nas semanas seguintes, fiquei muito tempo refletindo sobre todas as coisas que nunca tive a chance de dizer ao homem que havia me amado de forma tão incondicional.

Minha mente ficava retornando às palavras estranhas que meu avô dissera em seu leito de morte, e eu me perguntava, em primeiro lugar, o que ele estaria fazendo em Easley, na Carolina do Sul. Teria algo a ver com as abelhas? Estaria visitando algum velho amigo ou passando um tempo com alguma mulher? As perguntas continuavam me consumindo. Falei com o Dr. Bowen sobre isso, e ele sugeriu que eu tentasse descobrir as respostas.

Os feriados de fim de ano se passaram sem novidades e, logo que janeiro começou, deixei meu apartamento nas mãos de um corretor, achando que levaria alguns meses para vendê-lo. Para meu espanto, recebi uma oferta dias depois e fechei negócio em fevereiro. Como em pouco tempo me mudaria para Baltimore por causa da residência, não fazia sentido procurar um local para alugar temporariamente. Pensei na casa do meu avô em New Bern e me perguntei: “Por que não?”

Eu poderia ir embora de Pensacola, talvez deixar a velha casa em condições de ser vendida. Se tivesse sorte, conseguiria até descobrir o que meu avô estava fazendo em Easley e o que ele havia tentado me dizer.

E foi assim que acabei espalhando naftalina no lado de fora daquele casebre decrepito.



Tomei uma “limonada” na varanda de trás – era assim que meu avô costumava chamar a cerveja. Quando eu era pequeno, uma das grandes emoções da minha vida era pegar uma limonada no isopor para ele. Estranhamente, ela sempre vinha numa garrafa com o rótulo da Budweiser.

Sou mais a Yuengling, da cervejaria mais antiga dos Estados Unidos. Quando frequentava a Academia Naval, um veterano chamado Ray Kowalski me apresentou a marca. Ele era de Pottsville, na Pensilvânia – cidade-sede da Yuengling Brewery – e me convenceu de que não havia cerveja melhor. Curiosamente, Ray era filho de um mineiro, e a última notícia que tive dele foi de que estava servindo no *USS Hawaii*, um submarino nuclear. Acho

que aprendeu com o pai que, quando se está trabalhando, luz do sol e ar livre são coisas superestimadas.

Eu me pergunto o que meus pais pensariam da minha vida. Afinal de contas, já faz mais de dois anos que não trabalho. Tenho absoluta certeza de que meu pai ficaria horrorizado. Ele era do tipo que me passava um sermão se eu não tirasse nota máxima numa prova e ficou decepcionado quando escolhi a Academia Naval em vez de Georgetown, faculdade em que se formou, ou Yale, onde se graduara em Direito.

Meu pai acordava às cinco da manhã todos os dias, lia o *Washington Post* e o *New York Times* enquanto tomava o café da manhã, depois ia para a capital, onde trabalhava como lobista para qualquer companhia ou setor que o tivesse contratado. Um negociador agressivo de mente afiada, vivia para fazer acordos e conseguia citar de cabeça longas seções do código tributário. Ele era um dos seis sócios que supervisionavam mais de duzentos advogados, e as paredes de casa eram decoradas com fotografias dele com três presidentes diferentes, meia dúzia de senadores e deputados demais para se contar.

Meu pai não trabalhava simplesmente: seu hobby era o trabalho. Passava setenta horas por semana no expediente e jogava golfe com clientes e políticos nos fins de semana. Uma vez por mês, oferecia um coquetel em nossa casa, com ainda mais clientes e políticos. À noite, costumava se isolar no seu escritório, onde sempre precisava dar um telefonema urgente, fazer um relatório ou um planejamento. A ideia de ir relaxar na varanda e tomar uma cerveja no meio da tarde, num dia de semana, lhe pareceria absurda, algo que só um vagabundo faria, nunca um *Benson*. De acordo com meu pai, não havia nada pior do que ser um vagabundo.

Embora não fosse do tipo carinhoso, não era um mau pai. Para ser justo, minha mãe também não era das pessoas mais maternais. Neurocirurgiã formada na Johns Hopkins, estava sempre de plantão e, assim como meu pai, nutria paixão pelo trabalho. Meu avô sempre dizia que ela já nascera daquele jeito, negando sua origem de cidade pequena e o fato de os pais não terem cursado uma universidade. Mas nunca duvidei do amor de nenhum dos dois por mim, mesmo jantando comida de delivery todo dia e, na adolescência, indo mais para coquetéis do que para acampamentos em família.

De qualquer forma, minha família não destoava das demais em Alexandria. Todo mundo no meu colégio particular de elite tinha pais altamente

influentes e prósperos, e a cultura da excelência e do sucesso profissional se infiltrava nos filhos. Exigiam-se notas estelares, mas isso não era o bastante. Também esperava-se que as crianças fossem populares, além de excepcionais nos esportes, na música ou em ambos. Admito que fui tragado por tudo isso. Quando entrei para o ensino médio, senti necessidade de ser... *igualzinho a todos eles*. Saía com as garotas populares, cheguei a ficar em segundo lugar na turma, joguei futebol nos dois últimos anos e era habilidoso no piano. Na Academia Naval, participei do time de futebol pelos quatro anos de formação, fiz especialização dupla em química e matemática, e me saí bem o bastante no teste de admissão da faculdade para cursar medicina na Johns Hopkins, deixando minha mãe orgulhosa.

Infelizmente, meus pais não puderam me ver receber o diploma. Não gosto de pensar no acidente nem de falar sobre isso. A maioria das pessoas não sabe o que dizer, a conversa esfria, e eu acabo me sentindo pior do que se não tivesse contado nada.

Por outro lado, às vezes eu me pergunto se não contei a história para as pessoas erradas, ou se a pessoa certa realmente existe. Alguém poderia mostrar um pouco de empatia, sabe? Mas o que posso dizer é que aprendi que a vida nunca segue exatamente o rumo que imaginamos.

CONHEÇA OS LIVROS DE NICHOLAS SPARKS

O melhor de mim
O casamento
À primeira vista
Uma curva na estrada
O guardião
Uma longa jornada
Uma carta de amor
O resgate
O milagre
Noites de tormenta
A escolha
No seu olhar
Um porto seguro
Diário de uma paixão
Dois a dois
Querido John
Um homem de sorte
Almas gêmeas
A última música
O retorno

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

